



## **Escravidão e opressão: um olhar a partir da carta a Filemon para a contemporaneidade**

*Slavery and oppression:  
a look from the letter to Philemon to contemporary times*

**Marcos Orison Nunes de Almeida**

*Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana*

**Mariana Eugenio Schietti**

*Doutoranda no PPG de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná*

**Resumo:** O presente artigo destina-se ao estudo do tema da escravidão e opressão a partir da carta do apóstolo Paulo a Filemon. A maior parte do desenvolvimento teórico está calcada na investigação do texto e contexto da carta, com breves aportes exegéticos e hermenêuticos, na intenção de proporcionar fundamentação teológica para possíveis aplicações da mensagem. Essa metodologia adotada é intencional por considerar que o cenário evangélico brasileiro, em suas principais expressões eclesiais, responde melhor às reflexões provocativas quando bem sustentadas no texto escriturístico. As discussões teóricas baseadas apenas nas ciências humanas de apoio tendem a ser resistidas, o que limita a percepção, participação e exercício da teologia no espaço público. O objetivo principal é provocar uma aplicação da teologia desenvolvida na carta a situações contemporâneas que se aproximem daquelas ali apresentadas, incentivando atitudes, comportamentos e ações missionais por parte dos cristãos que representem uma fé operante.

**Palavras-chave:** Escravidão, Opressão, Carta a Filemon, Teologia paulina.

**Abstract:** This article is intended to study the theme of slavery and oppression based on the apostle Paul's letter to Philemon. Most of the theoretical development is based on the investigation of the text and context of the letter, with brief exegetical and hermeneutical contributions, with the intention of providing theological foundation for possible applications of the message. This methodology adopted is intentional because it considers that the Brazilian evangelical scenario, in its main ecclesiastical expressions, responds better to provocative reflections when well supported in the scriptural text. Theoretical discussions based only on supporting human sciences tend to be resisted, which limits the perception, participation, and exercise of theology in the public space. The main objective is to provoke an application of the theology developed in the letter to contemporary situations that are similar to those presented there, encouraging attitudes, behaviors and missional actions on the part of Christians that represent an operational faith.

**Keywords:** Slavery, Oppression, Letter to Philemon, Pauline Theology.

## Introdução

Evitando entrar em maiores discussões sobre a autoria da carta a Filemon, partiremos da hipótese aceita por uma expressiva gama de estudiosos de que ela é uma das sete cartas consideradas autênticas<sup>641</sup>, ou seja, escritas pelo próprio Paulo. Para José Bortolini<sup>642</sup>, a carta não é apenas o mais breve dos escritos de Paulo como também é a mais pessoal. A pessoalidade e o tamanho da carta deram origem a uma discussão sobre o seu gênero literário: seria ela uma carta ou um bilhete? A discussão se dá em torno da finalidade pública ou não da carta, por isso trago aqui um breve panorama sobre essa discussão.

Ralph Martin<sup>643</sup> afirma que a tentativa de tratar o texto de Filemon como um bilhete partiu de Gustav Deissmann, um teólogo alemão, entendendo que se tratava de uma comunicação privada, exclusiva para Filemon a respeito de Onésimo. Essa tese foi rejeitada por vários biblistas, que entenderam que o gênero bilhete não caberia ao texto, uma vez que o endereçamento do escrito engloba um público maior e não apenas Filemon. O fato de aparecerem os companheiros de Paulo e cumprimentos a outros irmãos na fé, estendido à toda a comunidade que ali se reunia (Fm 2), demonstra a intensão de publicidade do conteúdo da parte da Paulo, trazendo o escrito para o gênero das cartas. Além disso, os defensores desta linha, alegando a autoridade de Paulo como apóstolo e o propósito de exortação do escrito, consideram-no de notoriedade para toda a comunidade, o que impede considerá-lo apenas um bilhete. Isidoro Mazzarolo<sup>644</sup> nos informa de que se trata de “uma carta pessoal com endereço público: A carta tem um estilo pessoal, mas uma finalidade pública”.

Nos parece sensato afirmar que Paulo, possivelmente, estava escrevendo um bilhete, mas aproveitou, no bom sentido, a oportunidade e relevância do tema, para garantir que os demais cristãos da igreja primitiva tivessem conhecimento do escrito, visto que ele continha algumas subversões aos conceitos comuns à época. Mazzarolo<sup>645</sup>, nesse sentido, destaca a quantidade de elementos jurídicos que se encontra na carta e que envolve a comunidade como um todo, demonstrando a pretensão pública de Paulo. O autor parece ter razão, até mesmo porque, ao tratar sobre a escravidão, Paulo acaba tratando também sobre leis de punição, sobre o conceito social de família, sobre a questão legal da hierarquia e assim por diante. Isto porque, como explica Bortolini<sup>646</sup>, a família naquele tempo poderia ser compreendida como o conjunto de pessoas de uma casa, incluindo os escravos. Ou seja, perante a lei, ser participante de uma família não garantia situações de igualdade, cuidado e afeto. Paulo, contudo, traz interessantes perspectivas com relação aos preceitos legais, propondo uma revisão destes pelas

---

<sup>641</sup> ARTUSO, Vicente. *Introdução ao estudo das cartas paulinas*. Texto produzido para PPG da PUC-PR, 2020.

<sup>642</sup> BORTOLINI, José. *Como ler a carta de Filemon*. Em Cristo todos são irmãos. São Paulo: Paulus, 2008. p. 7.

<sup>643</sup> MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemon*. Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984. p. 153.

<sup>644</sup> MAZZAROLO, Isidoro. *Paulo: a anti-escravidão e libertação à luz da carta a Filemon*. ATeo, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 102-126, jan./abr.2017. p. 105.

<sup>645</sup> Mazzarolo, 2017, p. 105.

<sup>646</sup> Bortolini, 2008, p.10.

comunidades cristãs no que tange à fraternidade e à igualdade. Fazendo assim, Paulo desestabiliza até mesmo as relações econômicas que poderiam existir nesta forma de sociedade em que a desigualdade era tão visível e natural.

Além disso, “para muitos autores, Paulo utiliza, nesse bilhete, uma retórica já conhecida no mundo greco-romano, como por exemplo algumas cartas de Plínio a seu amigo Sabiniano, ao qual pede uma acolhida fraterna de um escravo.” O resultado pode ser visto em outra carta, “na qual Plínio agradece Sabiniano por ter procedido benevolentemente para com o escravo, acatando as orientações do amigo”<sup>647</sup>.

A escravidão era um tema relevante para as comunidades cristãs daquele tempo. Além do mais, é imperioso ressaltar a posição de Filemon, destinatário principal da carta, que como representante de um coletivo, de uma comunidade cristã que está se firmando, exercia influência sobre o grupo por meio de suas decisões e sua maneira de viver a fé em Jesus. Escrever um bilhete e fazê-lo ser de conhecimento dos demais era uma boa maneira de aguçar ainda mais o senso de responsabilidade de Filemon para ser um exemplo diante da sua comunidade.

É possível estimar que a carta tenha sido escrita entre os anos 56 e 57d.C, talvez no mesmo período de composição da carta aos Colossenses (Cl 4:7-17). Acredita-se que Paulo estivesse preso em Éfeso ou em seus arredores quando conheceu Onésimo, o escravo, e escreveu para Filemon. Há quem defenda que Paulo não estivesse em Éfeso, mas em Roma juntamente com seus cooperadores que são mencionados no versículo 24<sup>648</sup>. Entretanto, estando Paulo em Éfeso, em Roma, ou nos arredores de qualquer um destes locais inseridos no contexto greco-romano, sua intenção quanto à provocação de uma práxis cristã efetiva em relação aos escravos é a mesma. Portanto, os resultados da discussão deste artigo não devem ser afetados pela questão específica da localidade da autoria.

Com relação aos destinatários da carta ou do bilhete — aliás é a menção deles que faz válida a discussão sobre o gênero literário do escrito — temos Filemon, Áfia, Arquipo e toda a comunidade de fé, como se vê nos versos 1b e 2. Arquipo é mencionado na carta aos Colossenses (Cl 4:17), o que nos leva a entender que Filemon se encontra na cidade de Colossos. A indicação de uma igreja na casa de Filemon sugere, provavelmente, a existência de outra comunidade distinta em Colossos sob a liderança de Arquipo. Mas isso, segundo os comentaristas estudados e referenciados neste trabalho, não significa uma desunião entre as comunidades. É possível que elas se ajudassem mutuamente e que compartilhassem das instruções dadas a uma e a outra<sup>649</sup>. Nesse sentido, a comunidade destinatária da carta aos Colossenses torna-se parte dos destinatários originais da carta a Filemon e seu grupo, e vice-versa. Martin<sup>650</sup> nos lembra que mesmo sendo uma carta endereçada a alguns, no corpo de Cristo os assuntos já não são mais particulares, mas comunitários, portanto, o ensinamento se estende a todos que fazem parte da comunidade.

No entanto, sem perder de vista a argumentação anterior, no verso 4 Paulo muda sua linguagem para o singular, referindo-se unicamente a Filemon, dizendo:

---

<sup>647</sup> Mazzarolo, 2017, p. 104.

<sup>648</sup> Martin, 1984, p. 157.

<sup>649</sup> Bortolini, 2008, p. 11.

<sup>650</sup> Martin, 1984, p. 165.

“Dou graças ao meu Deus, lembrando-me, sempre, de ti nas minhas orações”<sup>651</sup>. O pronome pessoal utilizado aqui é *σύ*, segunda pessoa do singular, demonstrando que a partir dali ele tratará com Filemon. Como mencionado, ele é possivelmente é da região de Colossos, possui ao menos um escravo e está à frente de uma comunidade cristã. Para Bortolini<sup>652</sup>, o fato de Filemon ter escravos e conseguir reunir uma comunidade em sua casa, demonstra um poder aquisitivo e social elevado, podendo-se afirmar que ele era um homem de influência em sua região, talvez até mesmo envolvido diretamente com a política. Além disso, no verso 17, Paulo diz: “se, portanto, me consideras companheiro, recebe-o, como se fosse a mim mesmo”. A palavra original utilizada por Paulo, traduzida como “companheiro” é *koinonón*, adjetivo substantivo que indica “participantes conjuntos” ou “associados”. Bortolini<sup>653</sup>, invocando o uso do termo nas sociedades greco-romanas, sugere que Filemon era participante dos negócios de Paulo, a saber, seu ministério e suas viagens missionárias, como um mantenedor. Ou seja, se Filemon investia financeiramente no ministério de Paulo, tornava-se sócio dele e recebedor dos frutos colhidos. Onésimo, alcançado pelo evangelho por meio de Paulo, é, então, parte desses frutos, demonstrando que a lucratividade do negócio de Paulo é diferente da lucratividade dos negócios comuns, os quais provavelmente Filemon estava acostumado a receber.

Podemos supor alguma influência de Filemon na sociedade e, quem sabe, algum destaque nas esferas de poder de Colossos. Seguindo esta suposição, o pedido de Paulo, para que Filemon aceite um escravo como irmão na fé introduz uma ruptura na compreensão popular e social da escravidão. Esse pedido induziria a reflexão sobre questões políticas, sociais e econômicas a partir do evangelho. Que tipo de repercussão social, a depender da posição que Filemon ocupasse na sociedade, sua atitude e ação de resposta poderia causar? A proposta inusitada de Paulo e suas ambivalentes instruções aos senhores e aos escravos nas demais cartas serão comentadas mais adiante.

### **1. A escravidão a partir da experiência de Onésimo**

Onésimo, o escravo mencionado na carta, estava afastado de seu senhor quando encontrou Paulo e foi evangelizado por ele. Martin<sup>654</sup> comenta sobre o significado do nome Onésimo explicando que “é um nome comum para escravos, achado muitas vezes nas inscrições, parcialmente porque um escravo sem nome receberia este nome de identificação (“Onésimo” significa “útil”), na esperança de que vivesse à altura do seu nome adotivo no serviço do seu dono”.

O encontro entre Paulo e Onésimo gera algumas questões e dúvidas diante do conteúdo da carta. Podemos nos perguntar, qual o motivo de Onésimo estar longe de seu senhor? Como ele chegou até Paulo? Onde se encontraram? Para tentarmos encontrar respostas, é importante investigarmos como funcionava a escravidão naquele contexto para compreendermos o inusitado pedido de Paulo a Filemon presente na carta. Segundo Mazzarolo<sup>655</sup>, no mundo judaico havia diferentes formas

---

<sup>651</sup> Será utilizada para as citações de textos bíblicos a versão Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

<sup>652</sup> Bortolini, 2008, p. 9.

<sup>653</sup> Bortolini, 2008, p. 9.

<sup>654</sup> Martin, 1984, p. 170.

<sup>655</sup> Mazzarolo, 2017, p. 106.

de escravidão. A mais comum era ter pessoas submissas, sem liberdade e sem direitos, tratadas como objetos de posse. Dentre eles estavam escravos nascidos de escravos, escravos comprados (Ex 12:44; 21:2) e escravos prisioneiros de guerras. Quanto aos escravos comprados, eles eram propriedade da casa e eram deixados como herança para as próximas gerações enquanto fossem produtivos (Lv 25:44-46). As Escrituras tratam desse fenômeno em suas narrativas e estabelecem algumas leis específicas. Vejamos um exemplo no texto de Levíticos 25:44-46:

Quanto aos escravos ou escravas que tiverdes, virão das nações ao vosso redor; delas comprareis escravos e escravas. Também os comprareis dos filhos dos forasteiros que peregrinam entre vós, deles e das suas famílias que estiverem convosco, que nasceram na vossa terra; e vos serão por possessão. Deixá-los-eis por herança para vossos filhos depois de vós, para os haver como possessão; perpetuamente os fareis servir, mas sobre vossos irmãos, os filhos de Israel, não vos assenhoreareis com tirania, um sobre os outros.

No contexto mais amplo do Império Romano, a violência e a falta de liberdade, especialmente para os não romanos, era comum. O tempo anterior à Pax Romana foram duros, de sofrimento e de serviço no sistema militar-imperial, “que consumia os suores das colônias em detrimento de luxo, do poder e dos custos das guerras”<sup>656</sup>. James Dunn<sup>657</sup> defende que o escravo “era simplesmente o meio de providenciar mão-de-obra na extremidade inferior do espectro econômico” e que “as economias do mundo antigo não poderiam ter funcionado sem a escravidão”, por isso, contestá-la era muito difícil. A maior parte dos escravizados no Império Romano eram prisioneiros de guerra ou raptados de suas famílias, levados para longe de sua terra de origem. O sistema escravagista era um elemento fundamental da economia e conferia honra aos conquistadores. Depois das conquistas, os escravos eram submetidos a senhores que eram vistos como seus protetores e defensores, dando-lhes segurança e sustento em troca do serviço e da submissão. “Mesmo que pudesse haver escravos internos, isto é, cidadãos tomados como penhora de dívidas ou contratos, a grande maioria, quer no mundo judaico, quer no universo greco-romano, era de estrangeiros”.

Segundo Verner Hoefelmann<sup>658</sup>, um terço dos habitantes do Império estava submetido, de alguma forma, à escravidão. A principal força de trabalho nas médias e grandes propriedades rurais vinha do trabalho escravo. Trabalhavam, também, para o Estado na construção e conservação de obras públicas e formavam boa parte da mão-de-obra nas oficinas artesanais e empreendimentos comerciais e industriais dos centros urbanos. Não apenas isso, os escravos também eram aqueles que entregavam toda a suas forças nas minas e pedreiras, onde trabalhavam os hereges políticos de menor categoria social, os presos por dívidas, os criminosos das classes baixas ou escravos fugitivos que haviam sido capturados. Os estrangeiros escravizados que possuíam alguma profissão ou conhecimento poderiam trabalhar como médicos, administradores, secretários, músicos, pedagogos, arquitetos, construtores, artistas e

---

<sup>656</sup> Mazzarolo, 2017, p. 106.

<sup>657</sup> DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 785.

<sup>658</sup> HOEFELMANN, Verner. *Filemon 8-21*. Portal Luteranos. Publicado em 19 de set. 2004. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/filemon-8-21>. Acesso em 10 de dez. 2022.



mordomos. Alguns conseguiam conquistar a confiança de seus patrões e cuidavam de seus negócios. Por fim, ainda tinham aqueles que tristemente serviam para entretenimento do populacho e dos nobres romanos, colocados para lutar contra feras e em batalhas mortais de gladiadores. Mazzarolo<sup>659</sup> explica que o escravo era valorado de acordo com a sua força de trabalho, mas também, em muitos casos, era descartado e morto pela falta dela. Comblin<sup>660</sup> ainda destaca que os escravos costumavam vir de países muito distantes. “Viviam na tormenta de algumas dúvidas: Regressar a seu País? Como saber se alguém os receberia? O que teriam em seu País para poderem se manter? Será que sua família os reconheceria?”. O autor afirma que possivelmente o que mais faltava a um escravo era sua família. Eles dependiam completamente de outra família e seu clã para lhes dar segurança e tranquilidade.

Lemos no versículo 18 que Paulo indica a possibilidade de Onésimo ter gerado algum prejuízo a Filemon, mas não temos mais informações sobre que tipo de prejuízo seria esse. Poderíamos pensar em uma situação de furto ou má administração, mas diante da incerteza, tentaremos apenas apresentar algumas situações de contexto que envolvem prejuízos que escravos poderiam causar a seus senhores. Manteremos em mente uma perspectiva mais ampla que parte do próprio nome Onésimo, como visto, que significa útil, ou seja, os escravos eram vistos como objetos ou instrumentos que deveriam ser, de alguma forma, lucrativos a seus senhores.

Mazzarolo<sup>661</sup> explica que havia um decreto de César Augusto que limitava a idade máxima de serviço de um escravo a 30 anos. Após completar essa idade, o escravo deveria ser liberto. Contudo, os escravos estavam desprovidos de família própria e de bens, fora outros empecilhos que certamente existiam. Portanto, sua liberdade poderia se tornar pior do que a escravidão ao experimentar imediatamente a pobreza, solidão, ausência de recursos como moradia, alimentação, etc. Da situação de escravidão passaria à mendicância, o que causaria, talvez, ainda mais sofrimento. É claro que essa situação excetua uma possível condição de maus tratos ou violência causados pelos senhores o que tornaria o estado de escravidão pior que o desse tipo de liberdade abandonada. O decreto, conseqüentemente, não favorecia muito os escravos e poderia piorar a situação de alguns. Dunn<sup>662</sup> afirma ainda que “segundo as leis gregas, a liberdade podia ser apenas parcial e limitada com relação a emprego e movimento; e o emancipado empobrecido em relação de cliente subserviente, com o seu patrão anterior, poderia perfeitamente lembrar com saudade sua segurança anterior como escravo”.

Nesse sentido, cabe levantar algumas possibilidades para a situação de Onésimo. Estaria ele com mais de 30 anos, já não mais dando o mesmo lucro ao seu senhor — pois, a falta de lucro era considerada prejuízo —? Teria ele alcançado a liberdade parcial que o colocaria em condição miserável? Sem ter para onde ir, perdido numa sociedade desigual, sabendo da fé de Filemon guiada por Paulo, Onésimo pode ter resolvido ir até Paulo para pedir auxílio. Outra possibilidade seria ele ter uma posição de confiança com Filemon e haver sido enviado a Paulo com uma missão específica. Caso tivesse demorado mais do que o esperado ou se retornasse livre de sua

---

<sup>659</sup> Mazzarolo, 2017, p. 118.

<sup>660</sup> COMBLIN, José. Epístola aos Colossenses e epístola a Filemon. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1986.

<sup>661</sup> Mazzarolo, 2017, p. 108.

<sup>662</sup> Dunn, 2003, p. 785.

condição de escravo, seguindo a solicitação de Paulo, entenderíamos o comentário sobre o possível prejuízo. Mazzarolo<sup>663</sup> propõe que pode ser verdadeira a suposição de que “Onésimo não seria um fugitivo, mas um escravo que foi até a prisão, onde Paulo estava, com uma missão específica da Igreja de Colossos”. Esta ideia “poderia explicar de modo mais simples o encontro dele com Paulo, mas dificultaria, ao menos em parte, a necessidade de uma carta tão exigente a Filemon no seu retorno”. Nesse ponto ousamos discordar de Mazzarolo, pois um escravo estava sempre em iminente perigo de punição, abandono, venda etc. Com isso, tendo Paulo percebido que Onésimo ainda não havia sido integrado à comunidade de fé, mesmo estando sob o senhorio de Filemon, evangelizou-o e desejou que seu retorno não fosse mais como um escravo, mas como um irmão. Paulo chega a considerá-lo como filho (v. 10) — a expressão se refere a ideia de um filho na fé, alguém gerado, nascido de novo, por intermédio da pregação do evangelho.

Por último, pode ser que Onésimo tenha fugido e sobre essa possibilidade Barbaglio<sup>664</sup> sugere que ele, sabendo da ascendência de Paulo sobre Filemon, o poderia ter procurado na prisão em busca de apoio. A fuga era uma possibilidade do escravo se libertar, mas os riscos poderiam ser grandes e fatais, caso fossem descobertos e devolvidos aos seus antigos donos. Considerar que Onésimo tenha fugido por cometer algum crime, tenha sido preso e encontrado Paulo no cárcere parece pouco plausível, uma vez que a condição de cidadão romano de Paulo não o colocaria na mesma prisão que um escravo fugitivo ou criminoso comum. Martin<sup>665</sup> levanta outra possibilidade baseando-se numa lei ateniense segundo a qual um escravo fugitivo poderia obter asilo no lar de um amigo ao altar da família. Nesse caso, Onésimo teria intencionalmente procurado Paulo em busca desse asilo. Contudo, Martin aponta certa dificuldade com versículo 13, pois naquela época o escravo que recusasse voltar a seu senhor anterior deveria ser vendido. Talvez, justamente para que ele não fosse vendido ou punido é que Paulo propõe seu retorno como irmão na fé e membro da família cristã.

O que percebemos é que a interpretação sobre o tipo de prejuízo que Onésimo poderia causar a Filemon é de difícil solução. Isso sem contar que motivos de doença, cansaço, desnutrição, dentre outros quaisquer que afetassem a produtividade da máquina humana, que era o escravo, eram contabilizados como prejuízo. Quer consideremos a inocência de Onésimo ou sua culpa em alguma falta perante Filemon, o fato é que Paulo está incomodado com essa situação e sua carta deve causar um impacto nas comunidades cristãs, desafiando seus líderes e membros cristãos a refletirem sobre essa importante questão social a partir do evangelho de Jesus Cristo.

## **2. A escravidão na perspectiva pastoral paulina**

Paulo tocou no tema da escravidão em algumas de suas cartas às igrejas espalhadas no mundo gentílico. Sua compreensão teológica do evangelho de Cristo introduz uma compreensão revolucionária sobre a condição humana tanto para os judeu-cristãos quanto para os cristãos gentílicos ao ensinar que:

---

<sup>663</sup> Mazzarolo 2017, p. 105.

<sup>664</sup> BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo II – Gálatas, Romanos, Filipenses e Filemon*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 419.

<sup>665</sup> Martin, 1984, p 155.

Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos [...] Servos, obedecei em tudo ao vosso senhor segundo a carne, não servindo apenas sob vigilância, visando tão-somente agradar homens, mas em singeleza de coração, temendo ao Senhor (Cl 3:8-11,22).

Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gl 3:28).

Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre. E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas (Ef 6:5-9).

Foste chamado, sendo escravo? Não te preocupes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade. Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente, o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo. Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens. Irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado (1Co 7:21-24).

Também os que têm senhor fiel não o tratem com desrespeito, porque é irmão; pelo contrário, trabalhem ainda mais, pois ele, que partilha do seu bom serviço, é crente e amado. Ensina e recomenda estas coisas (1Tm 6:2).

Quanto aos servos, que sejam, em tudo, obedientes ao seu senhor, dando-lhe motivo de satisfação; não sejam respondões, não furem; pelo contrário, dêem prova de toda a fidelidade, a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador (Tt 2:9-10).



Dunn<sup>666</sup> sugere que Paulo trata a questão com aparente ambivalência. Não é nítido se ele deseja que os escravos sejam libertos ou se devem continuar escravizados, incluindo o caso de Onésimo. Contudo, ele afirma ser evidente a preocupação principal de Paulo, que era o desenvolvimento de uma relação cristã saudável entre escravo e senhor. Contribuindo para a avaliação dessa ambivalência, podemos levantar alguns argumentos. Temos que considerar que Paulo possuía uma perspectiva escatológica peculiar. Seus textos parecem indicar que ele esperava o retorno de Cristo ainda em vida, daí temos não apenas o seu ímpeto e pressa missionária como também algumas instruções que priorizam a propagação da mensagem em detrimento das transformações das estruturas sociais, políticas e econômicas. Isso incluía, então, as diversas condições humanas, entendidas como temporárias e circunstanciais diante da expectativa de restauração de todas as coisas sob o governo do Cristo ressurreto na nova criação. Nesse sentido, a escravidão assim como o matrimônio, por exemplo, era vista de maneira relativa, como lemos em 1 Coríntios 7:25-36.

Outro argumento a ser considerado é o da experiência e sabedoria adquirida pelo apóstolo ao longo de sua vida sob o Império Romano. Paulo poderia estar expondo um modo de se encarar a vida sabendo que as estruturas de uma sociedade levam tempo para serem transformadas. Em sua instrução ele estaria indicando que para além das estruturas deveria sobressair o caráter cristão em qualquer situação de vida, valendo tanto para os escravos quanto para os senhores. Ambos deveriam dar o melhor de si e servirem de testemunho e contraponto aos padrões da sociedade de então. Em especial, aos senhores de escravos, Paulo ensina que eles também eram escravos, de Jesus Cristo, e por isso precisavam refletir sobre como tratavam seus servos. Ao evangelizar um escravo, Paulo demonstra que eles estão, igualmente, no mesmo horizonte de Jesus Cristo, ainda que na condição de excluídos e marginalizados da sociedade. Alçar um escravo à posição de irmão se tornaria uma subversão dos modelos sociais do mundo greco-romano.

Na visão de Dunn<sup>667</sup> (2003, p. 786), o que está claro é que Paulo esperava que Filemon recebesse Onésimo e não o punisse, mesmo que houvesse motivos para isso ou que tivesse direito de fazê-lo. Ele indicou um caminho em que Filemon pudesse responder com dignidade e generosidade, mas mantendo sua honra. Paulo, segundo Mazzarolo<sup>668</sup>, sustenta “que tudo o que é imoral não pode ser considerado legal. O Evangelho era único e, não havendo dois, as contradições se tornavam intoleráveis (Gl 1:6-9). A pedagogia da libertação é uma prática patenteada por Jesus.”

Na carta a Filemon, Paulo não usa da prerrogativa de apóstolo como costumava fazer em suas apresentações introdutórias. Ele não apela para uma posição hierárquica para exigir a ação de Filemon, inclusive demonstrando, na prática, que nem sempre este é o melhor caminho. Assim como Paulo se desfaz de sua autoridade apostólica diante de Filemon, da mesma forma Filemon deveria fazê-lo diante de Onésimo. O tom de Paulo nesta carta é pastoral, afetivo e fraterno, exemplificando como espera que Filemon trate Onésimo.

A partir do versículo 5, Paulo procura construir sua argumentação baseando-se na fé que Filemon tem em Jesus:

---

<sup>666</sup> Dunn, 2003, p. 786.

<sup>667</sup> Dunn, 2003, p. 786.

<sup>668</sup> Mazzarolo, 2017, p. 107.

[...] estando ciente do teu amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus e todos os santos, para que a comunhão da tua fé se torne eficiente no pleno conhecimento de todo bem que há em nós, para com Cristo. Pois, irmão, tive grande alegria e conforto no teu amor, porquanto o coração dos santos tem sido reanimado por teu intermédio. Pois bem, ainda que eu sinta plena liberdade em Cristo para te ordenar o que convém, prefiro, todavia, solicitar em nome do amor, sendo o que sou, Paulo, o velho e, agora, até prisioneiro de Cristo Jesus [...] (Fm 5-9).

Essa fé, notória (“estando ciente”), que é a expressão do amor que Filemon tem por Jesus se expande, naturalmente, aos membros de sua comunidade (“aos santos”). Paulo se refere à comunhão da fé, cujo termo em grego para é *koinonia*, que pode ser traduzido como uma relação de companheirismo e partilha que pressupõe certa harmonia, liberdade e igualdade de condições em um grupo. Ele explicita a ação de Filemon na comunidade como alguém que tem reanimado os corações dos membros. O texto original em grego traz as expressões *anapepautai* e *splagchna* que traduz a ideia de revigorar o íntimo das pessoas. Na explicação de Martin<sup>669</sup>, *splagchna* “refere-se a, e expressa, a personalidade total no nível mais profundo. Um termo que ocorre somente quando Paulo está falando direta e pessoalmente”, como se ele estivesse se referindo a alguma ação que Filemon pode ter empreendido para socorrer as necessidades da comunidade, trazendo ânimo, consolo e coragem. Em outras palavras, Paulo parece querer lembrar a Filemon que ele é uma pessoa reconhecidamente boa, que atinge as pessoas de sua comunidade no mais profundo, nas suas entranhas.

É com base nessa fé prática que Paulo apela a Filemon para que a torne ainda mais eficiente ou operante — do grego *energes* — na produção de um bem maior, que represente a pessoa de Cristo. Paulo elogia o comportamento de Filemon para solicitar que ele amplie a sua ação amorosa e consoladora a Onésimo. Paulo assume uma postura clara, em nome do Evangelho, para que o entendimento sobre o que se percebe como participante da comunhão da fé em Cristo e dos que compõem a comunidade dos santos seja ampliado para a inclusão de um escravo. Mazzarolo<sup>670</sup> menciona uma carta de Inácio, bispo da Antioquia da Síria, a Policarpo, bispo de Esmirna, “onde ele solicita a Policarpo a providência de dinheiro para criar um fundo econômico para a libertação de escravos”. Neste sentido, para Paulo, “o amor para cima, a Deus e aos santos, deveria ser concomitante com o amor para baixo, para com escravos e marginalizados”. Para tanto, Paulo se vale dessa ascendência natural sobre seu amigo e solicita com muita ternura esse novo olhar para baixo e para os lados. Mazzarolo defende que “Filemon é uma carta que revela a psicologia do maior ao menor”.

Destaca-se também que Paulo se coloca na condição de prisioneiro — a palavra aqui é *desmios* e deve ser considerada de maneira literal. A situação de encarcerado, não metafórica, o coloca em condições semelhantes a Onésimo, que vivia sob um tipo de encarceramento como escravo. Renunciando sua autoridade, na condição de prisioneiro, Paulo pede que essa mesma alegria proporcionada à comunidade, seja proporcionada a seu coração (v.12). Receber Onésimo como irmão, e filho de Paulo, era como receber e alegrar seu próprio coração. A fé e a bondade de Filemon deveria

<sup>669</sup> Martin, 1984, p. 168.

<sup>670</sup> Mazzarolo, 2017, p. 103.

ser eficaz ao fazê-lo receber seu escravo como um irmão. Para Paulo, todos os cristãos devem ser considerados escravos de Cristo, o único Senhor. Portanto, a separação de classes ou de *status* entre os membros da comunidade de fé e a exploração e opressão de uns por parte de outros é intolerável.

Martin<sup>671</sup> entende que o pedido de Paulo demonstra um pensamento revolucionário, que vai na contramão do tratamento que era dado aos escravos. Paulo não está interessado em discutir os direitos legais que Filemon poderia ter em relação à Onésimo, como no caso de punição ou restituição de prejuízo. Ele também não discute questões políticas, sociais e econômicas referentes às leis escravagistas. Como afirma Martin, é “como se elas nem estivessem em voga”. Paulo vai direto ao ponto: os princípios cristãos devem expressar compaixão em todas as relações, de forma que alcance os menores.

Ao final, Paulo demonstra a expectativa de que Filemon tenha a sua fé à frente de qualquer outra coisa. Ele não deveria obedecer a Paulo, mas a Jesus Cristo, o único Senhor. A mesma obediência que certamente Filemon esperava de Onésimo, ele deveria colocar em prática em relação ao seu Senhor, Jesus Cristo. E isso não apenas ao que foi solicitado na carta, mas em função de todo o bem que ele pudesse praticar na vida em comunidade e em sociedade.

## **Conclusão**

Como vimos, Paulo está tratando de questões delicadas nessa carta. Ele trata da prática de fé, do testemunho da comunidade, da responsabilidade dos líderes e da igualdade entre as pessoas. Há um chamado à consciência cristã sobre a família que se forma diante, e a partir de Jesus, sobre questões que podem ser chamadas de regras do lar, propondo uma ruptura com o sistema vigente, corrigindo percepções equivocadas sobre a dignidade dos menores.

É de se estranhar que um líder como Filemon, alguém aparentemente tão dedicado à sua comunidade de fé, tenha um escravo que não havia sido agregado ao corpo de Cristo, que não havido sido conduzido aos caminhos do Pai. Pode um líder não considerar que um escravo seja digno dessa participação? Escravos são merecedores de serem incorporados à família da fé? O pedido de Paulo indica que os escravos devem, tanto quanto qualquer outra classe de pessoas, fazer parte do corpo de Cristo.

Paulo propõe a equivalência entre senhores e escravos diante da pessoa de Jesus Cristo, aquele que é Senhor de todos. E sem ficar indiferente à condição humana sob a escravidão social, não se satisfazendo apenas com possíveis ações de bons tratos, Paulo desafia as comunidades cristãs a alçarem os escravos ao *status* de irmãos. Segundo Martin<sup>672</sup>, o v. 16 é uma verdadeira emancipação da dignidade humana, é um tipo de Carta Magna, ainda que Paulo não tenha usado essa expressão de forma explícita, que grita nas entrelinhas. Mesmo ciente da dificuldade que é mudar os sistemas sociais, ele sabe que as comunidades cristãs devem ser exemplos para o mundo, promovendo a consciência sobre a dignidade de todos os seres humanos. Para Paulo, todos os seres humanos são livres diante de Deus e devem ser escravos apenas de Cristo. E isso não quer dizer que os escravos devam apenas ser libertados; eles devem ser assistidos em todas as suas necessidades.

---

<sup>671</sup> Martin, 1984, p.155.

<sup>672</sup> Martin, 1984, p.159.

Além dessas considerações mais voltadas ao ambiente eclesial, podemos pensar em desdobramentos de alcance social. Que tipos de situação a contemporaneidade nos apresenta que se assemelham aquilo que foi discutido na carta a Filemon? Que estruturas vivenciamos na sociedade atual que expressam o poder que algumas pessoas exercem sobre outras a ponto de torná-las objetos utilitários ou instrumentos de lucro e que as descaracterizam de sua dignidade intrínseca. A Organização Internacional do Trabalho (OIT)<sup>673</sup>, agência da Organização das Nações Unidas, divulgou a estimativa de que aproximadamente 50 milhões de pessoas no mundo são vítimas da escravidão moderna. Os tipos de escravidão identificados pela OIT consideram, por exemplo, trabalhos forçados pelo setor privado e governamental em fábricas, fazendas, grandes obras, etc. Entretanto, há casos mais próximos do cotidiano das famílias que é o serviço prestado por trabalhadores domésticos. Em sua maioria, essa força de trabalho é representada pelo contingente feminino. No ano de 2020 o programa televisivo Fantástico<sup>674</sup> apresentou a história de uma mulher mantida por 38 anos na situação de escrava doméstica. A reportagem afirmou que desde 1995, 55 mil pessoas haviam sido resgatadas de situações de escravidão no país e que no ano de 2019, 14 pessoas haviam sido resgatadas do trabalho escravo doméstico.

O trabalho doméstico, tão comum na sociedade brasileira, embora em declínio, nos conduz a uma rápida associação com a história de Onésimo e Filemon. Se não percebemos a direta relação com a questão escravagista, devemos pensar no mínimo nas condições de trabalho a que estas pessoas estão sujeitas. Sabemos que a jornada de trabalho da maioria desses trabalhadores é abusiva, muito além das outras profissões, por estarem em um ambiente caseiro. Às vezes as rotinas de trabalho se estendem a horários noturnos sem que haja um pagamento adicional como é comum em espaços empresariais. Fora isso, as condições de alojamento ou mesmo de alimentação podem ser precárias, sem contar a falta de acesso a tratamentos de saúde. Mesmo a questão salarial, que na maioria das vezes não é compatível com o volume e carga de trabalho ou com a responsabilidade assumida.

Nossa sociedade capitalista, que gira em torno do acúmulo de dinheiro, da produtividade e da utilidade das forças de trabalho, tem sido insensível, para não dizer cruel ao, rapidamente, descartar e desprezar aqueles que já não são úteis ou causam prejuízos ao sistema. Os Onésimos de hoje, ou melhor, aqueles que são considerados inúteis incluem a população analfabeta, deficientes físicos e mentais, pessoas com alguma doença de difícil ou longo tratamento, idosos, e até mulheres que precisam cuidar de filhos e outros familiares. Os direitos dos cidadãos, previstos por lei, como dita artigo 5º da Constituição Federal<sup>675</sup>, ao firmar que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”, não são percebidos na realidade social.

---

<sup>673</sup> OIT. *Escravidão moderna*. Disponível em: [https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS\\_855426/lang-pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_855426/lang-pt/index.htm). Acesso em 10 de dez. 2022.

<sup>674</sup> FANTÁSTICO. *Mulher é libertada em MG após 38 anos vivendo em condições análogas à escravidão*. Publicado em 20 de dez. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/12/20/mulher-e-libertada-em-mg-apos-38-anos-vivendo-em-condicoes-analogas-a-escravidao.ghtml>. Acesso em: 10 de dez. 2022.

<sup>675</sup> CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Governo do Brasil. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 de dez. de 2022.

Diante de um cenário tão desafiante e de difícil transformação imediata, a carta de Paulo a Filemon é um convite para que todos os cristãos, em sua caminhada sob o senhorio de Jesus Cristo, que expressam e exercem a sua fé na vida cotidiana, assumam a responsabilidade de resgate dos menores, daqueles que sofrem, que são explorados e estão destituídos de uma família que possa amá-los e cuidar para experimentem uma vida mais digna. A mensagem do apóstolo Paulo se mantém atual e relevante à contemporaneidade, incentivando a que as comunidades cristãs possam ver aqueles que parecem menores aos olhos da sociedade como irmãos na fé, como filhos do Deus vivo, e alvos do amor de Cristo.

### **Referências**

ARTUSO, Vicente. *Introdução ao estudo das cartas paulinas*. Texto produzido para o Programa de Pós-graduação da PUC-PR, 2020.

BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo II – Gálatas, Romanos, Filipenses e Filemon*. São Paulo: Loyola, 1991.

BORTOLINI, José. *Como ler a carta de Filemon*. Em Cristo todos são irmãos. São Paulo: Paulus, 2008.

COMBLIN, José. *Epístola aos Colossenses e epístola a Filemon*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1986.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Governo do Brasil. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 de dez. de 2022.

DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

FANTÁSTICO. *Mulher é libertada em MG após 38 anos vivendo em condições análogas à escravidão*. Publicado em 20 de dez. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/12/20/mulher-e-libertada-em-mg-apos-38-anos-vivendo-em-condicoes-analogas-a-escravidao.ghtml>. Acesso em: 10 de dez. 2022.

HOEFELMANN, Verner. *Filemon 8-21*. Portal Luteranos. Publicado em 19 de set. 2004. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/filemon-8-21>. Acesso em 10 de dez. 2022.

MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemon*. Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

MAZZAROLO, Isidoro. *Paulo: a anti-escravidão e libertação à luz da carta a Filemon*. ATeo, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 102-126, jan./abr.2017.

OIT. *Escravidão moderna*. Disponível em: [https://www.ilo.org/brasil/brasilia/noticias/WCMS\\_855426/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasil/brasilia/noticias/WCMS_855426/lang--pt/index.htm). Acesso em 10 de dez. 2022.